



Alexandre e Napoleão além das telonas:

Seleção e Análise de Excertos da Obra de Theodore Ayrault Dodge

Equipe

Ana Livia Fernandes Silva

Camila da Silva Condilo

Cleber Victor Matos dos Santos

Daniel Oliveira Lima

Daniilo Corrêa Bernardino

Henrique Modanez de Sant'Anna

Isabella Alves Rodrigues

Nathalia Catarina Gomes da Silva

Thiago do Amaral Biazotto

Apresentação

Por muito tempo, a História foi pensada como uma história política de “homens ilustres”. Já distante dessa visão oitocentista, a disciplina tem feito avanços sistemáticos na busca por questionar essa abordagem e dar voz a outros indivíduos históricos. Esta cartilha pedagógica em PDF (com acesso gratuito no site do Grupo de Pesquisa PEMAC) resulta de um projeto de extensão intitulado “Alexandre e Napoleão além das telonas: seleção e análise de excertos da obra de Theodore Ayrault Dodge (1842-1909)” e confere a oportunidade de explorar criticamente uma obra que indiretamente tanto influenciou nossa visão sobre Alexandre, o Grande e Napoleão. Seu objetivo primordial é estimular o questionamento acerca dos fundamentos da construção dessas duas figuras históricas como figuras heroicas pela historiografia. Este material serve tanto para uso gratuito em escolas do DF quanto para estudo crítico (como material de suporte pedagógico) por alunos da Universidade de Brasília. A escolha de Alexandre e Napoleão deve-se, também, ao fato de que Dodge inaugura uma tradição historiográfica de comparação entre os dois generais.

Henrique Modanez de Sant'Anna

Universidade de Brasília



Theodore Ayraut Dodge. Fonte: The New England States, their Constitutional, Judicial, Educational, Commercial, Professional, and Industrial History, by William T. Davies (1897).

Theodore Ayrault Dodge

Quem foi Theodore Ayrault Dodge?

* Texto traduzido, com adaptações, por Henrique Modanez de Sant'Anna a partir da seguinte fonte: <https://www.dodgefamily.org/index.shtml>

T.A. Dodge nasceu em Pittsfield, Massachusetts, em 28 de maio de 1842. Estudou por quatro anos em Berlim, depois em Heidelberg e, finalmente, na Universidade de Londres, onde obteve seu bacharelado. Retornou aos Estados Unidos em 1861 e se alistou no exército da União. Foi comissionado (como) primeiro-tenente em 13 de fevereiro de 1862 e serviu no Exército de Potomac – a principal força militar empregada pela União durante a Guerra Civil Americana ou Guerra de Secessão (1861-1865) no teatro de operações leste – durante todas as suas campanhas até Gettysburg, em julho de 1863. Nela perdeu a perna direita, tendo sido ferido três vezes antes. Em razão do ocorrido (seus ferimentos no cumprimento do dever) e após promoções e nomeações anteriores, tornou-se tenente-coronel graduado no serviço regular, em 2 de março de 1867. Terminado o conflito, passou a trabalhar no Departamento de Guerra. Tornou-se capitão da 44ª infantaria em 28 de maio de 1866 e serviu como chefe de gabinete até 28 de abril de 1870, quando se aposentou. Mudou-se, então, para Boston. Ali, dedicou muito tempo ao trabalho literário. Após a morte de sua primeira esposa, Jane Marshall, em 1881, casou-se (em 1892) com Clara Isabel, que o ajudou durante anos na preparação de seus livros. Nessa época, ministrou uma série de palestras sobre generais na história no Lowell Institute, em Boston, e também lecionou na Universidade Harvard. Suas publicações incluem: *A Campanha de Chancellorsville* (1881); *Uma visão panorâmica da Guerra Civil* (1883); *Pátroclo e Penélope: uma conversa na sela* (1885); *Grandes Capitães* (1889), obra de que nos servimos para a elaboração desta cartilha. Teve cinco filhos, todos do seu primeiro casamento. Morreu em 25 de outubro de 1909.

Nota sobre a utilização desta cartilha

Sugestão de roteiro

Esta cartilha foi pensada para utilização como material complementar, de tal sorte que se possa acrescentar uma apreciação crítica das narrativas historiográficas mais consagradas à tradicional e insubstituível discussão feita em sala de aula. Optou-se, como explicado na Apresentação, pela obra de Theodore Ayrault Dodge devido ao seu impacto na visão moderna especialmente acerca de Alexandre e Napoleão, embora Dodge não tenha se limitado aos dois na sua análise dos que classificou como “grandes capitães”. Os trechos selecionados podem suscitar questionamentos sobre visões pouco críticas a respeito de personagens cuja influência na reconstrução de um passado heroico raramente é observada sob essa ótica. Podem ser utilizados para fomentar o debate em sala de aula, em sua versão em português do Brasil, ou mesmo destacados como forma de avaliar o aprendizado de conteúdos associados a Alexandre e César. O princípio norteador da seleção a seguir, organizada em três temas, é portanto o da crítica à associação de dados aparentemente objetivos (manobras, resultados de batalhas etc.) com a reconstrução histórica apaixonada dos supostos atributos desses generais. Em que medida mensurar esses atributos em uma narrativa que se pretende objetiva (ou pelo menos distante o bastante de uma visão parcial do passado) não se torna uma expectativa dos próprios historiadores? O material acompanha, por fim, uma análise de duas representações “clássicas” de Alexandre (2004) e Napoleão (1927) no cinema, como forma de tornar mais rica a comparação aqui proposta.

Referências

- DODGE, Theodore Ayrault. Alexander: a history of the origin and growth of the art of war from the earliest times to the Battle of Ipsus, 301 BC, with a detailed account of the campaigns of the great Macedonian. Stackpole Books. 1994 [1890].
- DODGE, Theodore Ayrault. Napoleon: A history of the art of war, from the beginning of the peninsular war to the end of the Russian campaign, with a detailed account of the Napoleonic Wars. Riverside Press. 1907.

Uma personalidade incomum

A seleção a seguir fornece um quadro geral a respeito da caracterização de Alexandre e Napoleão por Dodge como indivíduos de personalidade incomum. Para além dos traços de genialidade tática que são frequentemente atribuídos aos dois, Dodge os dota também de grande inteligência, ousadia e visão de mundo, atributos que, não surpreendentemente, um historiador inglês confere tacitamente a si mesmo como membro integrante da civilização ocidental e aos gregos, em retrospectiva, por integrarem o que no século XIX foi comumente identificado como “berço” dessa mesma civilização. Curiosamente, esses atributos são acompanhados de uma personalidade de difícil trato, daí também que resulte incomum, porque dada aos excessos e inclinada ao controle de todas as coisas, públicas e privadas, entes queridos incluídos.

Alexandre nunca foi grego. Ele tinha apenas o gênio e a inteligência gregos enxertados na natureza mais rude da Macedônia; e tornou-se, até certo ponto, asiático por suas conquistas. O trabalho de sua vida, conforme definido por ele mesmo, foi conquistar e depois helenizar a Ásia. Cumpriu um, mas não conseguiu cumprir o outro objetivo. Não instaurou um helenismo verdadeiro e permanente num único país da Ásia sequer. Ainda assim, o que ele e seus sucessores fizeram deixou um forte sabor helenístico em toda a Pérsia. Poucas cidades fundadas por Alexandre sobreviveram. Eram mais postos fortificados do que mercados autossustentáveis. Como estadista, intelectual e visionário, ainda concebeu e trabalhou em uma teoria impossível, e o resultado imediato de todo o seu gênio não durou uma geração. O que ele poderia ter realizado se tivesse vivido uma vida mais longa resta como mera especulação.

Tradução: Prof. Danilo Correa Bernardino e Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

O que Josefina narra sobre o comportamento de Bonaparte naqueles dias é de grande interesse. “Admiro a coragem do general,” diz ela, “a amplitude de seu conhecimento em todas as coisas, sobre as quais ele também fala bem, a vivacidade de sua mente, que lhe permite entender os pensamentos dos outros quase antes de eles falarem; mas confesso que estou assustada com o domínio que ele parece desejar exercer sobre todos que o cercam. Seu olhar inquisitivo tem algo peculiar que é inexplicável, mas que impressiona até nossos diretores.” Ela ainda conta que Bonaparte lhe disse: “Você acha que eu preciso de influência para subir? Todos um dia serão felizes quando eu lhes der a minha. Minha espada está ao meu lado, e com ela irei longe.” Josefina acrescenta: “Eu não entendo, mas às vezes essa positividade ridícula me impressiona tanto que me faz acreditar que tudo é possível para esse homem extraordinário; e quem sabe o que, com sua imaginação, ele não pode empreender.”

Tradução: Cléber Victor

Revisão, Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

Ele [Napoleão] tinha os seus favoritos – na verdade, em certo sentido, havia favoritismo demais, tanto nos seus exércitos como no seu governo; ele mantinha parentes indignos, totalmente desprovidos de capacidade, em cargos importantes e muitas vezes se afirmava que ele reconhecia serviços moderados em seus despachos para casa e não dizia nenhuma palavra sobre os mais importantes prestados por aqueles de quem ele não gostava ou por aqueles que alguma vez o ofenderam. Mas isso, uma fraqueza meramente humana, pode ser encontrado em todo grande homem, e isso se deve, em parte, à maravilhosa individualidade que ele colocou em sua criação. Seu trabalho era realmente original. Sua ideia principal foi expressa por Bourrienne: “A arte da guerra consiste em ter, com um exército menor, mais homens do que o inimigo no ponto em que você ataca ou no ponto onde você é atacado.” Essa é uma definição clara da teoria das massas e uma sobre a qual ele agiu de maneira uniforme. Mas fazer isso, isso que algumas simples palavras podem descrever, requer genialidade.

Tradução: Nathalia Catarina Gomes da Silva

Revisão: Profa Camila Condilo e Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

Como todos os homens ambiciosos, trabalhadores e bem-sucedidos, no caso de Napoleão, a fama e a atividade eram chamadas o consumindo. Mas, se ele estava trabalhando tanto pela fama quanto pelos resultados, seu julgamento sobre o que poderia alcançar na Córsega estava lamentavelmente equivocado. No entanto, ele demonstrou dois dos fatores essenciais de um grande capitão: força de intelecto e força de caráter. Será que o terceiro fator, a oportunidade, algum dia surgiria?

Tradução: Cléber Victor

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

O gênio militar

Os trechos destacados a seguir ilustram o que de mais relevante se encontrou na obra de Dodge, especificamente sobre a exaltação das habilidades táticas de Alexandre e Napoleão. Que foram comandantes muito bem-sucedidos é ponto pacífico na historiografia; todavia, nesta cartilha prima-se pela leitura crítica do que, de maneira insustentável, se apresenta como relato objetivo a partir de dados igualmente objetivos das fontes sobre Alexandre e Napoleão. A reconstrução das suas experiências militares nunca esteve, especialmente no século XIX, dissociada de uma exaltação descrida dos seus feitos, e é precisamente esse o consagrado método que os historiadores precisam observar com cautela, desconfiados.

O que Alexandre fez pela arte da guerra? Quando perguntaram a Demóstenes quais eram as três qualidades mais importantes de um orador, ele respondeu: “Ação, ação, ação!” Em outro sentido, isso poderia muito bem ser aplicado ao capitão. Ninguém pode se tornar um grande capitão sem uma atividade física e mental quase anormal; e assim que esse excepcional poder de atividade diminui, o capitão chega ao limite de sua grandeza. O gênio foi descrito como uma capacidade extraordinária para o trabalho árduo. Mas essa capacidade é apenas o elemento humano. Gênio implica a centelha divina. É a personalidade do grande capitão que faz dele o que ele é. As máximas da guerra são apenas uma página sem sentido para quem não consegue aplicá-las. São úteis à medida que o cérebro e o coração do homem, assim como sua individualidade, podem levá-los adiante.

Tradução: Prof. Danilo Correa Bernardino e Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

Para esse local [Isso], o rei persa tinha vindo do Eufrates com um exército de meio milhão de homens. Como Napoleão, e talvez como todos os maiores generais, Alexandre tinha em seus métodos aquele toque de ousadia que às vezes foi descrito como uma característica de apostador, e nunca hesitava, quando a ocasião surgia, em arriscar tudo num só golpe. No caso presente, esse impulso provinha igualmente de sua autoconfiança e entusiasmo, assim como da situação diante da qual sua missão o colocara. Ele reuniu seus Companheiros e outros oficiais de comando que formavam seu habitual conselho de guerra, para ouvir suas opiniões, e contou-lhes detalhadamente o que sabia sobre as adjacências e sobre o enorme tamanho do exército de Dario, sem ocultar nada acerca da dificuldade ou do perigo. Ele os encontrou todos ansiosos para serem conduzidos contra o inimigo.

Tradução: Isabella Alves

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

As batalhas de Alexandre são exemplos taticamente brilhantes de concepção e execução. A manobra em Arbela [isto é, Gaugamela] foi mais esplêndida do que a coluna de Macdonald em Wagram. Foi uma centelha de gênio. [...] Por mais maravilhoso que fosse o intelecto de Alexandre, seu poder de execução excedia seu poder de concepção. Foi a sua capacidade de aproveitar as aberturas com uma rapidez talvez nunca igualada que lhe valeu as batalhas, e não o seu mero plano de batalha. Por mais excelente que fosse, ele melhorou na execução. [...] No uso da cavalaria, Alexandre é inigualável. Ninguém jamais lançou sua cavalaria sobre o inimigo com tanta precisão, ímpeto ou efeito. Sua investida sempre foi oportuna; sempre foi bem sucedida. Ninguém jamais montou um cavalo com tanta ousadia divina, ou lutou até ao limite como ele. Se Alexandre não tivesse sido um dos grandes capitães do mundo, teria sido o típico beau sabreur da história mundial. Alexandre sempre viu onde estavam a força e a fraqueza de seu inimigo e tirou vantagem delas imediatamente. Utilizou suas vitórias ao máximo e prosseguiu com um vigor que nenhum outro jamais alcançou. Foi igualmente excelente em cercos e em batalhas. A única coisa que ele nunca foi capaz de demonstrar foi a capacidade de enfrentar desastres. Ele possuía todos os atributos militares notáveis; não podemos descobrir nele nenhuma fraqueza militar. Diz-se que certa vez, num acesso de exagero, Napoleão caracterizou Alexandre, o homem, como começando com a alma de um Trajano e terminando com o coração de um Nero e os hábitos de Heliogábalo. [...] Acerca dele, diz: “As campanhas do filho de Filipe não são como as de Gengís Khan ou Tamerlão, uma simples invasão, uma espécie de dilúvio; tudo foi calculado com profundidade, executado com audácia, conduzido com sabedoria. Como capitão, Alexandre realizou mais do que qualquer homem jamais conseguiu. Ele não teve um antecessor igual que lhe deixou um modelo de ação. E mostrou ao mundo, antes de tudo aos homens, e melhor, como fazer a guerra. Formulou os primeiros princípios da arte, a serem elaborados por Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Príncipe Eugênio, Marlborough [presumivelmente, John Churchill], Frederico e Napoleão. É certo que Aníbal se inspirou nos feitos do grande macedônio; igualmente certo de que Napoleão, privado de seu conhecimento sobre Alexandre, Aníbal e César, nunca teria sido Napoleão. As condições de Alexandre não exigiam que ele se aproximasse das exigências da guerra moderna. Mas ele era facilmente mestre em seu ofício, como, talvez, quase nenhum outro soldado jamais o foi. Pois, como diz acertadamente o próprio Napoleão, “adivinhar as intenções do inimigo; adivinhar a opinião dele sobre si mesmo; esconder dele tanto as suas próprias intenções como a sua opinião; enganá-lo por meio de manobras falsas; invocar artimanhas, bem como esquemas, de modo a lutar nas melhores condições – esta é, e sempre foi, a arte da guerra.”

Tradução: Prof. Danilo Correa Bernardino e Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

Ninguém negará a Bonaparte, mais do que a qualquer outro, a habilidade de deixar de lado considerações menores e manter em vista o principal objetivo a ser alcançado. Seu senso de perspectiva era perfeito, embora talvez nessa época, não totalmente amadurecido. Aqui em Toulon, é evidente que a maioria de seus superiores parecia não ver outra maneira de capturar o local além de um cerco regular pelo lado terrestre – e passos foram tomados nesse sentido. Bonaparte aprofundou-se mais no assunto. E (tenha sido ele a maquirar o esquema ou não, isso parece irrelevante) insistiu que, se o porto de Toulon pudesse ser controlado, a frota aliada, não mais capaz de proteger a cidade, retiraria a guarnição defensora; pois esta não teria meios de retirada se a frota partissem, e mais cedo ou mais tarde sucumbiria ao cerco ou à fome. [...] A sugestão inicial pode não ter sido de Bonaparte; seus detratores afirmam que não foi. Mas foi sua defesa que determinou a questão, como indiscutivelmente foi sua coragem e habilidade que a levaram adiante. Com ligeira variação, as ideias do jovem oficial foram adotadas.

Tradução: Cléber Victor

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant'Anna

O sucesso de Bonaparte em 1796 foi devido a anos de estudo minucioso do país e da situação. Enquanto outros generais de patentes superiores ou iguais passavam seu tempo livre imaginando o que fazer a seguir, ou como poderiam desferir um ataque certo, ou mesmo em prazeres triviais, Bonaparte se dedicava a resolver o problema com seus mapas e gráficos; pesava cada fator até encontrar seu verdadeiro valor no esquema geral; estudava o teatro de guerra até conhecer cada colina e rio; e só então sentia que podia obter a vitória. Como todo grande capitão, sua imaginação era ilimitada, e em sua mente giravam constantemente problemas do que poderia acontecer no futuro. Sempre que era confrontado com uma nova proposição, encontrava a resposta no trabalho de muitas noites insones de seu passado inquieto. [...] O homem era de fato um sonhador, mas seus sonhos eram cheios de realidade e povoado de fatos; e sua imaginação vagava principalmente sobre aqueles campos onde ele posteriormente atuaria de fato.

Tradução: Cléber Victor

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant'Anna.

Em duas semanas, Bonaparte fez o que o Exército da Itália se esforçou por anos para realizar. Em poucos dias, retificou a má posição, alimentou e encorajou suas tropas, venceu o exército austríaco, numericamente quase igual ao seu, e forçou a paz em Piemonte; abriu uma linha de operações livre e limpou o terreno à sua frente. [...] Assim que dividiu os aliados, manteve um deles com pequenas forças e avançou em massa contra o outro. No que ele fez, residia toda a teoria da guerra moderna.

Tradução: Cléber Victor

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant'Anna.

Nota-se que Napoleão não abre a campanha perguntando o que o inimigo irá fazer: ele não constrói seu plano sobre o adversário. Olhando através da situação geográfica e as condições gerais, determina a respeito do que ele mesmo fará e então primeiro se questiona como o inimigo responderá a isso. Ninguém presta mais atenção em cada evento que já tenha ocorrido para limitar suas ações: além disso, ele era livre, sempre escolhia a iniciativa e a seguia.

Tradução: Ana Lívia Fernandes

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant'Anna

Um produto natural da Revolução Francesa, ele tem sido o principal fator para acabar com o caos então gerado na França. Ele havia dado aos países sob influência francesa um governo melhor, implantou no coração das pessoas um instinto de liberdade, que as ajudou em suas lutas contra autocracia e sobreviveu até hoje. Redimi a França e deu a ela boas leis. Por natureza e instinto, era ele mesmo um autocrata, ainda que como oponente de outros autocratas, e o expoente dessa liberdade que, no continente, a França deu à luz. Napoleão talvez seja o homem mais útil dos tempos modernos, mas, como monarca, se ergueu em uma plataforma que outros governantes da Europa não reconheceram.

Tradução: Ana Lívia Fernandes

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant'Anna

A arte de comandar tropas

Uma derivação do “gênio militar” e ao mesmo tempo um reforço de características de uma personalidade incomum, a arte de comandar tropas se torna um derradeiro atributo a observar na construção historiográfica de Alexandre e Napoleão, feita por Dodge.

Foi assim que Alexandre, o Grande, cresceu até a idade adulta. Vimos como ele ascendeu ao trono. Uma vez entronizado, rapidamente mostrou que, embora seu pai tivesse forjado as ferramentas que encontrou à sua disposição, ele próprio conseguia manejá-las com uma rapidez, ousadia e decisão das quais Filipe provavelmente nunca foi capaz. Nenhum homem jamais foi tão plenamente o líder de um exército. Ele lutou, comandou e lidou com isso de forma quase sobre-humana. Sempre um exemplo absoluto para homens e oficiais, não pedia nada de mais ou menos que ele próprio não fosse capaz de fazer muito melhor e estivesse disposto a empreender.

Tradução: Isabella Alves

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

Como tal, ele [Alexandre] adquiriu uma autoestima, um senso arrogante de sua própria importância, que sob qualquer outro comandante estaria repleto de grave perigo; mas subjacente a esse sentimento havia um sentimento ainda mais forte, que pode de fato ser considerado o seu único impulso: um amor apaixonado por seu jovem rei, semelhante a um deus, pelo chefe que estava à frente de todos os perigos; superior a todos em sua bravura pessoal, em sua resistência sobre-humana à fadiga, à fome, à sede; que era parente do soldado comum enquanto era facilmente senhor da falange; que, desde a sua beleza pessoal até ao gigantesco domínio do seu intelecto, desde a sua ousadia heroica até ao seu divino gênio militar, foi claramente o primeiro dos soldados – o primeiro dos homens. Não é de admirar, de fato. E enquanto estes macedônios podiam criticar, fazer barulho e intimidar, nunca houve um momento durante todo o reinado de Alexandre em que, do menos ao mais importante, cada homem do seu exército não tivesse, sem pensar ou hesitar, colocado a sua vida aos pés do seu querido soberano. Esta maravilhosa superioridade é, na verdade, a razão pela qual os lugares-tenentes de Alexandre têm, eles próprios, menos proeminência pessoal; seus próprios raios individuais foram engolidos pelo brilho maior da luz central.

Tradução: Prof. Danilo Correa Bernardino e Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

Napoleão estava encontrando a usual dificuldade que grandes capitães experimentam na tentativa de instruir e controlar seus lugares-tenentes à distância. Nenhum homem que não tem o instinto militar pode conduzir a guerra apropriadamente. Nas questões militares, Joseph era um trapalhão, enquanto Jourdan não havia despertado para os novos métodos criados por Napoleão desde 1796; por nunca ter servido em nenhuma campanha de um grande capitão, não lhe foi proporcionada a oportunidade de estudá-los de perto [...].

Tradução: Ana Livia Fernandes

Revisão: Prof. Henrique Modanez de Sant’Anna

Cinema: Alexandre e Napoleão

Alexandre (2004)

Texto: Prof. Thiago do Amaral Biazotto

Lançado em 2004, o filme “Alexandre”, dirigido pelo americano Oliver Stone (1946-), é a última grande produção dedicada ao conquistador levada às grandes telas. Na esteira de outras películas que tomavam o Mundo Antigo como tema, e que obtiveram notável sucesso de público – casos de “Gladiador”, de Ridley Scott (2000), “A Paixão de Cristo”, de Mel Gibson e “Troia” (2004), de Wolfgang Petersen –, eram altas as expectativas sobre o filme de Stone. Expectativas, todas elas, frustradas, uma vez que “Alexandre” é um caso clássico daquilo que, no jargão da indústria cultural, chama-se “flop”: de um poupado orçamento de U\$ 160 milhões, a película saiu de exibição tendo arrecadado risíveis U\$ 34 milhões.

Do ponto de vista de um potencial uso de “Alexandre” em sala de aula, um primeiro caminho possível seria – após a exibição de alguns trechos selecionados, destacados abaixo –, discutir com os alunos os porquês de um fracasso comercial tão retumbante. Esse exercício, potencialmente, será mais bem-sucedido em salas do primeiro ano do Ensino Médio, e eventuais turmas de terceiro ano em revisão, uma vez que exige uma abstração de pensamento e um domínio da linguagem histórico-artística que os estudantes do sexto ano, em geral, estão adquirindo. A exceção é a cena da Batalha de Gaugamela, cuja análise e emprego didático podem ser realizados com quaisquer turmas, em especial no que se refere às distintas maneiras como os exercícios macedônios e persas são retratados.

De maneira geral, os pareceres negativos sobre “Alexandre” – tanto de historiadores quanto de críticos de cinema – enfatizam aspectos como a abundância de anacronismos, a conduta sexual do protagonista, o baixo nível das atuações e, sobretudo, as diversas referências à invasão do Iraque e à política de George Bush, por vezes bastante explícitas, em um filme que trata do clichê Ocidente x Oriente em termos simplistas, quase rudimentares. Algumas cenas ajudam a ratificar essa construção binária.

Talvez a mais eloquente delas seja a da Batalha de Gaugamela, cuja discussão pode ser levada a bom termo em diferentes níveis escolares, guardadas, claro, as especificidades das turmas, diferentes faixas etárias, tempo do currículo reservado à História Antiga e demais parâmetros. A análise pode se concentrar na forma como os combatentes são retratados: “Vocês honraram seu país e seus ancestrais. Agora chegamos a este lugar tão remoto da Ásia (...) esses homens (os persas) não lutam por seus lares. Eles lutam porque o seu rei diz que eles têm que lutar. Nós estamos aqui como homens livres!”, diz Alexandre, de peito estufado, exortando os soldados perfilados à sua frente. Evoca-se, cruamente, o Oriente como lugar por onde o ocidental passeia destilando paz, democracia e liberdade. Chega a ser bizarro cotejar a maneira como os soldados da tropa persa são encorajados a batalhar: ao invés de um discurso polido, bem articulado, em que o líder olha nos olhos de seus comandados e externa seu apreço chamando-os pelo nome e lembrando-os de glórias passadas, no front persa um soldado qualquer vocifera urros guturais, brandindo sua lança de forma animalesca, enquanto Dario III, atônito e aturdido, esconde-se em meio aos seus soldados.

Sintomático como Alexandre parece ecoar as palavras do próprio Bush em seu ultimato dado a Saddam Hussein, em 17 de março de 2003, para que ele deixasse Bagdá no prazo de 48 horas. O estadista brada que a intervenção militar no Ocidente visava apenas à captura de armas de destruição em massa, que seriam usadas para alastrar terror pelo mundo. De modo semelhante, as fileiras persas retratadas no filme – hordas tão intermináveis quando indisciplinadas, um bando desordenado e heterogêneo – possuem número de combatentes muito superior ao das falanges alexandrinas. Bush afirmava que “estamos unidos para lutar pela paz”, de mesma sorte que os batalhões gregos aparecem reunidos para combaterem em favor da democracia, da liberdade e da justiça. “Nós lutamos como homens livres!”, Alexandre não cessa de repetir. Para encerrar seu monólogo, o presidente americano se despede do público com a seguinte frase: “que Deus esteja conosco e continue a abençoar a América”. E qual não é a surpresa quando vemos Alexandre vociferar: “Que Zeus esteja conosco!”, também a título de palavra final de sua arenga.

Claro, seria ingênuo supor que Stone simplesmente transpôs o discurso de Bush para o seu Alexandre – não haveria, quiçá, sequer tempo

hábil para isso. Tampouco seria possível afirmar que o cineasta se prestou à feitura de uma película apenas na investida de justificar a invasão americana. O que se propõe é atenção a certas nuances discursivas que surgem em um filme que, por definição, tem o Mundo Antigo como pano de fundo, mas que não raro parece aludir ao cenário político ingente em que foi gestado.

Outra cena digna de análise em sala se passa no harém da Babilônia. Salta aos olhos a opção de Stone em lançar mão dos mais grosseiros clichês orientalistas em sua construção: um fundo musical composto por harmonias orientais supostamente “exóticas”. Cenários tingidos em cores aberrantes, habitados por fauna e flora de causar inveja ao mais fantástico bestiário. Fileiras de eunucos, aspones e dançarinas, todos com um ar blasé que indica não a chegada de um conquistador, mas de um salvador, a resgatá-los dos pérfidios monarcas aquemênidas. Mais do que isso: fica nítido como harém e “prostíbulo”, ao menos para Stone, são sinônimos, dada a forma como as mulheres são retratadas: nem bem Alexandre e seus asseclas adentram o recinto, elas se jogam em seus braços, ávidas por se entregarem aos estrangeiros, que as libertariam de um patriarcado maldito.

No decorrer da cena, esses aspectos ficam ainda mais gritantes quando a princesa aquemênida Estatira surge para implorar clemência a Alexandre. Além de seu ar subserviente – como alguém que vê no estrangeiro a chance única de escapar a uma dominação secular – Estatira epitomiza a forma como os orientais são representados nos filmes sobre a Antiguidade: crianças imaturas, esqueléticas, que sem o jugo ocidental se afogariam em um mar insidioso de ignorância e despotismo. Cumpre ressaltar que essa cena, do ponto de vista do roteiro, não chega a lugar algum: Alexandre, quase como em um pastelão entre mocinho e bandido, chega, resiste de forma ativa às tentações luxuriosas do harém, salva a donzela e vai cuidar de seus outros afazeres, que, supõe-se, são mais importantes.

Os dois recortes acima são apenas alguns entre tantos outros possíveis para uma análise didática do filme de Oliver Stone, que, a despeito de todas as críticas que sofreu – ou talvez justamente por conta delas –, possui um potencial inegável para críticas sobre a construção Oriente/Ocidente, a representação das mulheres nas películas a respeito da Antiguidade e as sempre tensas relações entre a Antiguidade e o mundo hodierno.

Napoleão (1927)

Texto: Prof. Thiago do Amaral Biazotto

Dirigido pelo francês Abel Gance, "Napoleão" (1927) é um clássico da sétima arte, responsável por uma autêntica revolução técnica no cinema. A produção da película, seu corte final e suas diferentes versões envolvem controvérsias de distintas ordens, que não cabem no espaço deste box – por ora, vale dizer que o cineasta francês planejou dividir a obra em seis partes, das quais apenas uma foi efetivamente realizada. A versão restaurada atual tem pouco mais de cinco horas e meia, com acontecimentos que se passam da infância de Napoleão, em 1780, à vitoriosa campanha italiana de 1796.

O filme tem a pretensão de ser tão historicamente fiel quanto possível, de tal maneira que são inseridas diversas passagens por escrito após a exibição de cenas marcantes – de contextualização histórica, de citações atribuídas a Napoleão e a outros personagens, além de trechos de próprio punho do general corso. Não são esmiuçadas as fontes exatas de tais passagens, contudo. No mesmo espírito, a película informa que todas as cenas rodadas na Córsega foram filmadas “nos exatos locais em que tais incidentes aconteceram”. De maneira geral, "Napoleão" é altamente elogioso à figura que retrata. Não por acaso, durante as incursões textuais supracitadas, adjetivos como “miraculoso” são usados para descrever o general, bem como termos como “providencial” para classificar suas ações no campo de batalha e fora dele. De fato, os únicos momentos em que Napoleão externa suas fraquezas aparecem quando é retratada sua turbulenta relação com Josefina. O furor nacionalista da película, decerto, não está desligado do contexto entreguerras, da exaltação da França vitoriosa ao aviltamento de suas rivais derrotadas. Uma reflexão de tal monta, que mobiliza a compreensão de duas temporalidades históricas e a noção de que nenhum documento histórico – seja ele qual for – é neutro, pode ser feita, com os devidos cuidados pedagógicos, em turmas de Ensino Médio. Outros conceitos, como o de teleologia, podem ser apresentados com o mesmo propósito, conforme sugerido abaixo.

A primeira tomada do filme já é digna de nota: um Napoleão ainda criança comanda seus colegas escolares em uma guerra de bolas de neve. A cena tem duplo propósito: por um lado, mostrar que os incontestáveis dotes de líder e estrategista do general já afloravam desde a mais tenra idade; por outro, prever sua futura derrota na Rússia, batido pelas inclemências do exército local e do inverno. A segunda

cena é igualmente marcante: durante uma lição de Geografia, o docente classifica a ilha de Córsega, terra natal de Napoleão, como local "bárbaro", incorrendo na fúria do jovem estudante. A aula se encerra com o professor mostrando aquilo que chama de "um pedaço de rocha perdido no meio do oceano, a ilha de Santa Helena", vaticinando o exílio e a morte do futuro conquistador do Europa – assim com a aula de Geografia se encerra com Santa Ilha, tal é a vida de Napoleão. O apelo teleológico das duas cenas é evidente, sendo possível estabelecer uma discussão com turmas de Ensino Médio sobre como ele é aplicado em distintos momentos da narrativa historiográfica, como, para ficar em um exemplo básico, utilizar o termo Primeira Guerra Mundial para o conflito europeu de 1914-1918.

Para turmas de Ensino Fundamental II, duas cenas possuem potencial didático relevante, além de comentários gerais sobre os apanágios de um filme preto e branco e mudo, formato com o qual, potencialmente, a maior parte da sala não está habituada. A primeira delas, agitadíssima, é o Cerco de Toulon: durante o curso da ação, flashbacks do jovem Napoleão comandando guerras de bola de neve escolares são mostrados, permitindo refletir a respeito de como a personalidade do general é retratada no filme. Durante a mesma sequência, é mostrado como Bonaparte nutria convivência harmoniosa com seus comandados, não raro perguntando o nome de capitães e recompensando-os pelos préstimos militares exibidos no campo de batalha.

Outra cena marcante se passa pouco antes da campanha italiana, quando Bonaparte, em meio a um parlamento francês completamente vazio, recebe a visita dos fantasmas de figuras de primeiro plano no processo revolucionário, como Robespierre, Danton e Marat. Além de enfatizar o caráter heroico, sobrehumano, quase divino do Napoleão filmado por Gance, a cena permite retomar o contexto geral da Revolução Francesa, relembrar personagens centrais do processo e posicionar o general corso em meio à turbulência dos acontecimentos, seja como homem de armas, seja como figura política – não por acaso, a cena se encerra com fantasmas de populares anônimos saudando o biografado, com os triunfantes acordes da Marselhesa ecoando ao fundo. Com o mesmo propósito, a cena da morte Marat, no começo do segundo ato do filme, pode ser exibida em conjunto com o famoso quadro de Jacques-Louis David, para fins didáticos.

Os empregos pedagógicos de "Napoleão" são complexos, por conta tanto do estado fragmentário do filme quanto de suas características técnicas que, para os dias atuais, podem soar datadas. Não obstante, para além das análises históricas sugeridas acima, um exercício interessante de apreciação técnica e estética seria a exibição do discurso de Napoleão às tropas e a carga do exército francês durante a campanha da Itália. Nelas, é empregada a revolucionária técnica de polivisão, que demandava três projetores para exibição nos cinemas, criando um tríptico imagético, que ora representava a mesma cena vista por três ângulos distintos, ora figurava diferentes acontecimentos dentro de um mesmo contexto. Mais incensada inventividade da película, um debate a respeito pode envolver as motivações de Gance por trás do emprego de tal técnica: seria um recurso para mostrar a genialidade de Napoleão, capaz de visualizar e pensar estrategicamente uma batalha por diferentes prismas? Seria uma ferramenta para exaltar ainda mais a pujança e a dimensão bélica do exército francês? Seria uma maneira alegórica de mostrar como a História é sempre contada por diferentes versões? Como em qualquer debate escolar, o fundamento do pensar e a profundidade dos argumentos são os resultados finais esperados, cabendo ao docente iniciar a discussão, afunilar os argumentos e apresentar a fonte histórica sobre a qual a palestra deve se assentar, papel para o qual a obra de Gance funciona à perfeição.